

UMA ANÁLISE SOBRE A SEXUALIDADE E A INFLUÊNCIA DA MÍDIA NA ADOLESCÊNCIA: IDENTIDADE CULTURAL CONTEMPORÂNEA ENTRE ADOLESCENTES DE UMA ESCOLA DE BELÉM

Denise Machado Cardoso¹

denise@ufpa.br

Marcelo Ricardo Dos Santos Silva^{2 2}

mc_marceloibra@hotmail.com

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar a sexualidade e a influência da mídia entre adolescentes, em uma perspectiva de reflexão da identidade cultural contemporânea. A investigação foi realizada entre jovens de 16 e 20 anos, na qual se utilizou a entrevista semiestruturada por meio de questionário com perguntas abertas e fechadas. As evidências obtidas na pesquisa de campo indicam que estes jovens se consideram, em sua maioria, pardos e católicos de baixa renda, e conversam pouco sobre sexo com seus pais. Os modos como lidam com a aparência de seus corpos os levam a não satisfação. A iniciação sexual precoce é comum. Foi identificado uma fragmentação das identidades, mediante os valores construídos socialmente pela mídia e pela sociedade na contemporaneidade.

Palavras-chave: Sexualidade. Mídia. Adolescência.

Abstract: This study analyzes the sexuality and the influence of media among adolescents in a perspective of contemporary reflection of the cultural identity. The research was carried out among young people of 16 and 20 years, it was used, in addition to direct observation, the interview through a questionnaire with open and closed questions. Evidence obtained in field research indicate that these young people consider themselves, mostly browns and Catholics low income, and little talk about sex with their parents. Early sexual initiation occurs mainly in young males. Was identified a disaggregation in the cultural identity of these adolescents, since the media interfere in the construction of this identity, through the diffuse ideas constructed socially.

Keywords: Sexuality. Media. Adolescence.

INTRODUÇÃO

A adolescência pode ser definida de diferentes formas. Em determinadas perspectivas, trata-se de uma etapa de crescimento e desenvolvimento do ser humano, marcada por grandes transformações biopsicossociais. Mas, precisamente, entende-se adolescência como o período de desenvolvimento situado entre a infância e a idade adulta, delimitado cronologicamente pela Organização Mundial da Saúde como a faixa dos 10 aos 19 anos de idade. Esta delimitação é também adotada no Brasil, pelo Ministério da Saúde (BRASIL, 2010). Objetiva-se, neste trabalho, analisar as manifestações da sexualidade e a influência da mídia entre adolescentes, em uma perspectiva de

reflexão da identidade cultural contemporânea, da escola José Márcio Ayres, localizada no bairro do Tapanã, periferia de Belém, capital do Pará.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) considera, ainda, como juventude o período que se estende dos 15 aos 24 anos, identificando adolescentes jovens (de 15 a 19 anos) e adultos jovens (de 20 a 24 anos) (SÃO PAULO, 2006). A lei brasileira, por meio do Estatuto da Criança e do Adolescente, considera adolescente o indivíduo de 12 a 18 anos (BRASIL, 2001). Segundo o censo de 2002, a geração de adolescentes e jovens de 10 a 24 anos de idade é a mais numerosa em toda a história do Brasil, representando um total de 51.429.397 pessoas – 30,3% da população brasileira –, sendo 35.287.882 adolescentes de 10 a 19 anos e 16.141.515 jovens com idades entre 15 e 24 anos (BRASIL, 2010).

A adolescência é uma fase evolutiva da vida, única e exclusiva da espécie humana, em que acontecem intensas e profundas transformações físicas, mentais e sociais, que, inexoravelmente, conduzirão a exibir características de homem ou de mulher adultos (BRASIL, 2010). Porém, a adolescência é um fenômeno muito mais complexo do que isso. Alguns autores reduzem-na apenas a uma fase da vida em que ocorrem inúmeros fenômenos biológicos no corpo, tais como: aumento de hormônios, crescimento de espinhas, mau humor, rebeldia e puberdade. Mas também pode ser entendida como um fenômeno social, caracterizada pela busca da identidade, pelo conflito com os pais (que não são mais vistos como heróis, como eram considerados na infância), pelo fato de o adolescente ser solteiro e depender financeiramente da família. E para, além disso, há a busca de ser reconhecido pela sociedade. Esses podem ser considerados os aspectos que dão uma identidade à adolescência, não apenas como um fenômeno biológico, mas também social (ROCHA *et al.*, 2009).

Segundo Rocha *et al.* (2009, p. 29) “a adolescência é um processo de construção de relações sociais, na qual se insere um amplo contexto cultural e ideológico na vida cotidiana de cada jovem”. Levaremos em consideração esses aspectos relevantes, enfatizando a problematização da manifestação da sexualidade que aparece como uma determinante inseparável desta fase da vida ou fenômeno social. Não obstante, a juventude é umas das etapas da vida que mais facilmente se deixam influenciar pelas cargas de símbolos que são transmitidos diariamente, seja pela televisão, revistas, internet, ou até mesmo pelos outdoors espalhados pelas grandes metrópoles (SARLO, 2000; ROCHA *et al.*, 2009). Dessa maneira, é importante refletirmos sobre o tipo de mentalidade que está sendo construído pelos adolescentes, mediante os estímulos que são transmitidos pelos veículos de massa

na pós-modernidade, e evidenciar se estes estão atentos à interferência da mídia na formação da identidade jovem, no que diz respeito às interferências que podem ocorrer na construção da sexualidade.

Segundo Maia *et al.* (2006), a mídia tem ação direta na vida dos jovens, seja no papel de objeto explícito de ensino e aprendizagem na transmissão de valores morais, na construção do caráter do ser pensante, seja no repasse de símbolos distorcidos que constroem valores conflitantes prejudiciais para a família e para sociedade como um todo, como cenas de violência, sexo e conflitos na família, bem típicas das telenovelas e de outros programas de televisão.

Autores como Michel Foucault e Joan Scott abordam a sexualidade com enfoque nas relações de gênero para explicar as relações de poder na sociedade. A abordagem de Foucault faz uma análise das relações de poder na sociedade, tendo como discurso o saber sobre a sexualidade, que é mais cultural do que natural, em que se justifica uma constante movimentação, caracterizada pelo contínuo processo, contextualizada na materialidade histórica da vida dos homens em sociedade, na construção das relações sociais que se manifesta nas relações de poder, em que existe uma resistência do indivíduo que é dominado.

Essa constante movimentação é definida, segundo Pires (1997), como “materialismo histórico-dialético”, que nada mais é do que a construção lógica da interpretação da realidade, tentando compreender a relação sujeito-objeto, ou seja, a relação do ser humano com as coisas, com a natureza e com a vida. Marx (2001) utilizou este método filosófico para a defesa e superação da exploração da força de trabalho e das desigualdades sociais no mundo capitalista. Essa interpretação da realidade requer uma dialética que muitas das vezes é negada pela ciência devido à sua subjetividade. Porém é importante considerarmos a separação entre sujeito e objeto, em que o caráter material do ser humano, ou seja, a forma como as coisas são organizadas para a produção e reprodução da vida, e a histórica, como se organizam em determinados contextos, deve ser analisado, nesta pesquisa, segundo as vertentes da concepção epistemológica da práxis filosófica.

Para realizarmos uma interpretação da realidade pautada no materialismo histórico-dialético, é importante que se deixe de lado qualquer determinismo naturalista e se analise fatores simbólicos do homem com a sua história social e cultural sobre várias vertentes ou categorias. Uma das formas é por meio do discurso de Foucault (1979), nas relações de poder que, segundo ele, têm suas origens no sexo; e de Scott (1995), que utiliza o gênero para interpretar a história que designa a forma como as

relações sociais entre o sexo influenciaram na construção do poder político das sociedades; para interpretar os papéis atribuídos ao homem e à mulher, nas obrigações do estado e da família, respectivamente, em que o homem tem um papel público na tomada de decisões, no trabalho, e a mulher não passa de um mero objeto de procriação da espécie, sendo submissa ao marido. Esses fatores simbólicos das relações de gênero na sociedade até hoje são evidenciados nas famílias em que os adolescentes não têm “abertura” com os pais para conversarem sobre sexo, devido à repressão que estes sofreram quando eram jovens devido ao tabu que envolve a sexualidade (SPARGO, 2006; SCOTT, 1995) e que será analisado neste trabalho.

Portanto, esse estudo tem por objetivo analisar a sexualidade e a influência da mídia entre adolescentes, em uma perspectiva de reflexão da identidade cultural contemporânea desses adolescentes da escola Estadual Dr. José Márcio Ayres.

1 A PESQUISA (provisório)

Ainda existem muitos paradigmas vigentes na sociedade que ainda resistem a teorias que a cada dia são formuladas por meio da pesquisa. A prática interdisciplinar de iniciação científica, que foi desenvolvido na escola José Márcio Ayres, tentou buscar novas questões a serem colocadas em discussão, especialmente por se tratar de uma escola situada na periferia, onde a vulnerabilidade social é evidente e onde o enfoque regional tem prioridade, uma vez que presenciamos uma ampla variedade de realidades sociais. A realidade da graduação e do ensino básico são os choques primordiais a serem percebidos. Uma vez que, futuramente, esses alunos poderão, por meio do nosso contato, ter mais facilidade para encontrar o caminho de um curso superior em uma universidade pública, e nós, como iniciantes científicos e futuros docentes, conseguirmos usufruir da experiência de sala, nos corredores, por meio das práticas pedagógicas e por meio das pesquisas de campo realizadas.

Trata-se de uma pesquisa quali quantitativa, com viés analítico-descritivo e que, segundo Oliveira (2008, p 97), “[...] caracteriza-se basicamente por observar, registrar, classificar e analisar dados, fatos ou fenômenos sem manipulá-los ou influenciar nos resultados”; de inquérito transversal, realizada com jovens na faixa etária de 16 a 20 anos, no período de outubro de 2009 até junho de 2010, totalizando um quantitativo de 17 indivíduos do sexo masculino e 16 do sexo feminino, na qual se utilizou como instrumento de coleta o questionário, contendo perguntas abertas e fechadas, agrupado

em quatro partes: Levantamento socioeconômico; Sexualidade e Gênero; Corpo e Mídia. A partir dessas categorias, procuramos identificar as manifestações da sexualidade e a influência da mídia entre adolescentes, em uma perspectiva de reflexão da identidade cultural contemporânea. Foi utilizado o recurso de gráficos e tabelas para análise dos dados. Os resultados obtidos foram divididos em três categorias temáticas: a) Perfil socioeconômico; b) Sexualidade nas relações de gênero; c) A influência da mídia na construção da identidade da juventude e o culto exagerado ao corpo.

2 PERFIL SOCIOECONÔMICO

As evidências obtidas da pesquisa de campo indicam que estes jovens se consideram, em sua maioria, pardos, católicos de baixa renda, heterossexuais, solteiros. Os gráficos a seguir dão uma noção mais nítida dos valores percentuais.

Em relação à renda, é importante avaliarmos a situação atual do estado. Aproximadamente 40% dos adolescentes pesquisados sobrevivem com menos de dois salários mínimos. Nesse sentido, é importante investigarmos a taxa de desemprego no Pará. Dados recentes do PNAD indicam que o desemprego na Região Norte aumentou, de 6,5%, em 2008, para 8,6%, em 2009, porém, no estado do Pará, a situação não é tão preocupante, já que cerca de 3,2 milhões de pessoas estão ocupadas. A preocupação maior é em relação ao rendimento mensal. Enquanto que em todo o país houve elevação desse rendimento, no Pará o rendimento dos paraenses piorou em relação ao salário mínimo. Do total de ocupados no Estado, cerca de 1,3 milhão (41%), o rendimento não ultrapassa um salário mínimo, ou seja, a renda paraense continua baixa (LUIZ, 2010).

Tabela 1 – Frequência absoluta e relativa do perfil socioeconômico dos adolescentes

Variável	Descrição	FA	FR
Estado civil	Casado	2	6%
	Solteiro	30	91%
	União estável	1	3%
Idade	16,17,18,19,20	10, 7, 8, 2, 6	30%,21%,24%,6%,18%
Sexo	Masculino	17	51,5%
	Feminino	16	48,5%

Etnia	Negro	4	12%
	Branco	4	12%
	Pardo	24	73%
	Amarelo	1	3%
	Indígena	0	0%
	Outros	0	0%
Religião	Católico	17	53%
	Espírita	7	21%
	Protestante	1	3%
	Outros	8	23%
Orientação sexual	Heterossexual	30	91%
	Homossexual	0	0%
	Gay	0	0%
	Lésbica	2	6%
	Bissexual	1	3%
Renda familiar	Menos de 1 salário	7	21%
	Entre 1 e 2 salários	8	24%
	Entre 3 e 4 salários	13	39%
	Mais de 5 salários	5	15%

Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

2 SEXUALIDADE NAS RELAÇÕES DE GÊNERO

A sexualidade é um componente fundamental do ser humano, e suas origens transcendem o aspecto meramente biológico, manifestando-se também como um fenômeno psicológico e social, fortemente influenciado pelas crenças e valores pessoais, culturais e familiares, normas morais e tabus da sociedade (FRANÇA ET AL, 2007). De fato, a sexualidade é uma temática nova que vem sendo discutida por teóricos devido às suas dimensões, mas ela sempre se fez presente na história da humanidade. Neste primeiro item, vamos evidenciar algumas manifestações da sexualidade a estes adolescentes pesquisados.

Uma das perguntas feitas no questionário foi sobre a abertura para o diálogo sobre sexo com os pais: 18% afirmaram que sempre conversam; 43%, às vezes; e 39%, nunca. Falar sobre sexo na sociedade contemporânea ainda é um tabu. Os adolescentes apresentam muitas dúvidas a respeito da sexualidade, mas normalmente não se sentem à vontade para dialogar este tema em casa, pois os pais, quando jovens, sofreram repressão com relação a esse assunto de forma muito mais intensa, por isso não estão reparados para conversarem sobre sexo com os seus filhos adolescentes, pois acham que conversar sobre esse assunto é induzi-los à prática sexual.

Mas, por que o sexo ainda é um tabu não vencido, em uma sociedade em que se vê exposições de imagens com dotação erótica, em que se tem a figura da mulher como modelo sexual, sempre presente nas televisões, revistas, internet e em letras de música? Por que as pessoas têm medo de conversar sobre o sexo?

Spargo (2006) faz uma análise da teoria de Foucault sobre a sexualidade e conclui que o sexo é visto como uma verdade (vergonhosa), e “existe como saber dentro de um discurso particular e está amarrado no poder (SPARGO, 2006, p.14)”. Foucault (1993) analisou a sexualidade em diferentes contextos históricos, dedicando-se a estudar as relações de poder complexas, que se estabeleciam por meio da produção do saber sobre o sexo. De fato, o sexo durante muitos anos sofreu e ainda sofre repressão, sendo recriminado, transformando-se em um tabu, ficando delimitado apenas ao quarto, mantido em segredo. E a própria escola, muitas vezes, acaba ignorando e reprimindo tais manifestações.

Os pais não já têm mais tanta influência na educação do adolescente, pois essa responsabilidade foi assumida, em parte, pela televisão, que, em suas programações, não se cansam de mostrar violência, sexualidade, amor, traição, mas com um eterno final feliz, ou seja, os adolescentes, nas novelas, “transam” sem preocupações, e sempre têm um final feliz, como em um conto de fadas (CARDOSO *et al.*, 2002). Mas a realidade é diferente, pois existem muitos riscos que a televisão não mostra, como uma gravidez indesejada e doenças. O ato sexual é apresentado desvinculado de qualquer forma de prevenção e de métodos contraceptivos. Raramente, nos intervalos das novelas, são veiculados os poucos comerciais do Ministério da Saúde sobre o uso de preservativos. Os adolescentes têm conhecimento a respeito dos seus direitos e deveres quanto a sua saúde sexual e reprodutiva?

A falta de diálogo com os pais, assim como as dúvidas não esclarecidas a contento sobre a sexualidade são fatores de risco que podem levar a uma gravidez precoce ou a doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), como HIV/AIDS. Assim, o silêncio, a desinformação, a repressão, o medo e a vergonha de tratar sobre as questões da sexualidade dificultam a relação dos pais com os filhos, bem como a dos profissionais da educação e da saúde com esses adolescentes. Embora a Tabela 2, mostre que a maioria dos adolescentes (53%) diga ter uma relação normal com seus pais, 34% digam que essa relação seja ótima, e apenas 13% afirmem que a relação com os pais é péssima, podemos observar na mesma tabela que o diálogo com os pais acerca da sexualidade ainda ocorre de forma muito tímida, pois apenas 18% dizem que sempre conversam com seus pais sobre esse assunto.

Segundo Cardoso *et al.* (2002, p 4) “Quando os pais estão seguros e o lar é o local onde o diálogo e a informação transcorre abertamente, os limites são estabelecidos, proporcionando ao adolescente maior segurança e espaço para partilhas de suas experiências”. O diálogo aparece como uma solução eficaz, mas é importante que os pais se sensibilizem e se conscientize, pois só o conhecimento sobre os aspectos da sexualidade podem melhorar a relação do adolescente com os pais, evitando possíveis consequências que aparecem devido à falta de orientação.

Outro fator importante a ser considerado são as relações sexuais e a afetividade entre os adolescentes. Mas, a princípio, é pertinente analisar a situação nacional. Os dados da Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde de 2006 (PNDS), realizada com mulheres, evidenciam, no Gráfico 2, que, a partir dos 12 anos, a curva da idade da primeira relação sexual inicia uma forte ascensão (n=247), com pico nos 16 anos de idade (n=1976). Depois, reduz levemente até os 18 anos (n=1897), caindo intensamente até os 21 anos de idade (n=512). Ressalta-se que até os 15 anos 33% das mulheres pesquisadas já haviam tido relações sexuais (BRASIL, 2010).

A Tabela 2 indica ainda que a afetividade, cada vez mais, inicia-se de forma precoce por meio do primeiro beijo. Quanto à virgindade, 70% dos entrevistados não se consideram mais virgens, enquanto 30% ainda se consideram virgens. Destes, 88% dos meninos se dizem não serem mais virgens, enquanto que 50% das meninas afirmaram ainda serem virgens. A iniciação sexual precoce ocorre principalmente com os meninos, os quais afirmaram ter iniciado sua vida sexual a partir dos 9 anos, sendo que a frequência é maior aos 14 anos; e as meninas iniciaram a partir dos 14, sendo que a maior frequência aos 15 anos, como mostra o Gráfico 2.

Quanto à vida sexual ativa, identificamos que os meninos e as meninas pesquisados dizem ter uma vida sexualmente ativa, 38% e 28% respectivamente. Dentre os meninos ativos, 43% fazem sexo uma vez por semana, 14% três vezes por semana, e 43% uma vez por mês. Entre as meninas, 20% tem relações com uma frequência de uma vez por semana, 60% três vezes, e os outros 20% uma vez por mês.

Tabela 2 – Frequência relativa e absoluta sobre as variáveis da sexualidade dos adolescentes

Variável	Descrição	FA	FR
Dialogam com os pais sobre sexo	Sempre	6	18%
	Nunca	13	39%
	Às vezes	14	43%
Virgindade	Ainda é virgem	10	30%
	Não é mais virgem	23	70%
Sexualmente ativo	Sim	12	36%
	Não	21	64%
Frequência de relação sexual	1 vez por semana	5	41%
	2 vezes por semana	2	17%
	3 vezes por semana	5	41%
Relação com os pais	Ótima	11	34%
	Normal	17	53%
	Péssima	5	13%
Primeiro beijo	Antes dos 10 anos	14	42%
	Entre 10 e 12 anos	10	30%
	Entre 12 e 15 anos	8	27%
	Entre 15 e 17 anos	1	1%
Palestras sobre	1 palestra	6	18%

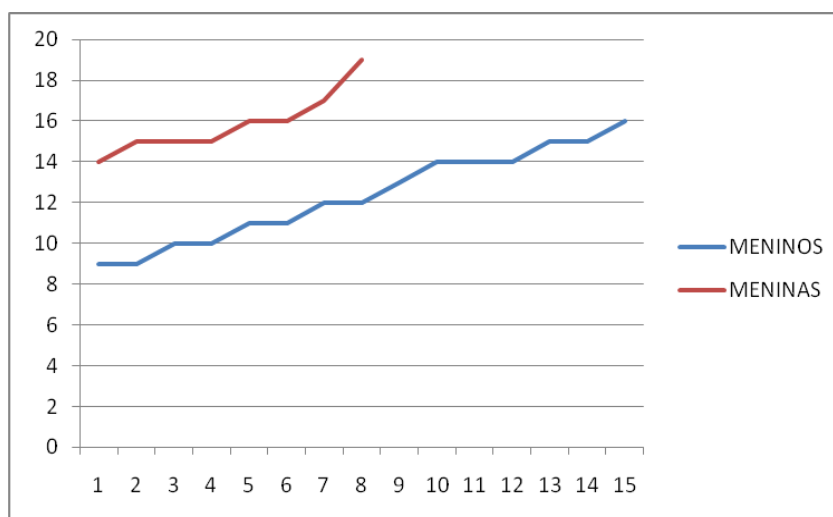
sexualidade

assistida

2 palestras	4	12%
Mais de 3 palestras	18	55%
Nunca assisti	5	15%

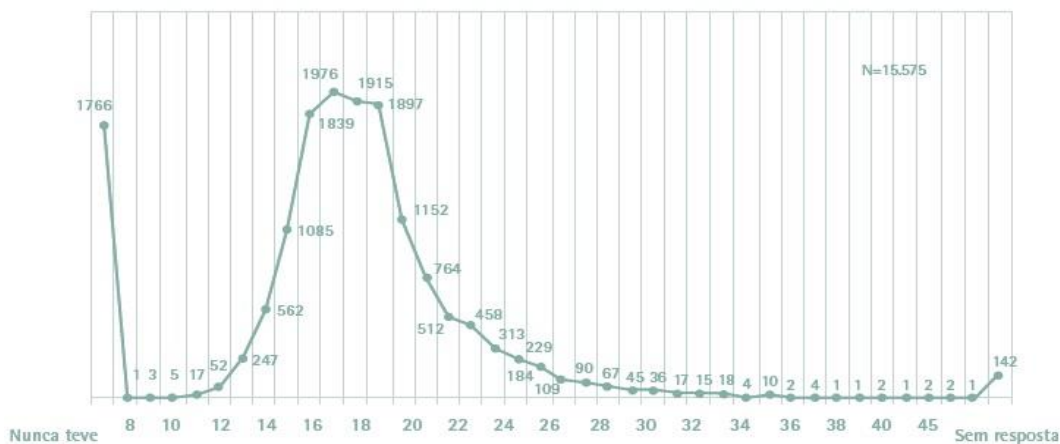
Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

Gráfico 1 – Distribuição (%) de adolescentes quanto a idade da primeira relação sexual



Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

Gráfico 2 - PNDS – IDADE DA PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL. BRASIL, 2006.



Fonte: BRASIL, 2010.

3 A INFLUÊNCIA DA MÍDIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA JUVENTUDE

No mundo contemporâneo há uma preocupação exagerada com a imagem corporal, em que a avaliação dos indivíduos é excessivamente influenciada pela forma e pelo peso do corpo, ou seja, uma estética padronizada em que as formas de como lidar com a aparência do corpo podem levar a não satisfação. A mídia acaba sendo uma veiculadora da padronização do corpo, nas capas de revistas, nas novelas e propagandas publicitárias em que é utilizada a imagem da mulher ou do homem, cuja característica é uma estética homogênea. O indivíduo que não se sente enquadrado nesses padrões pode se sentir excluído do meio social e sofrer preconceito, devido a não aceitação dele pelo grupo, prejudicando a sua auto-estima levando a não aceitação do próprio corpo (SARLO, 2000).

Cada vez mais está se difundindo a cultura do rejuvenescimento, em que as pessoas estão buscando uma imagem corporal perfeita, não medindo consequências para o alcance dos seus objetivos. Buscam o melhor corpo, um corpo musculoso por meio do consumo de substâncias prejudiciais à saúde, ou um corpo magro, espelhado nas modelos; um corpo sem gordura, pele lisa, sem espinhas, sem estrias, sem rugas e até sem pêlos. Esta é a chamada era da estética, muitas vezes com procedimentos sem preocupação com as questões éticas (SARLO, 2000 p. 23-24).

Segundo Conti *et al.* (2006), não há uma legitimidade no discurso dos jovens que querem manter seus corpos em forma; a preocupação de se manter uma dieta balanceada com baixas calorias, utilizando alimentos ricos em fibras, como frutas cereais, legumes, hortaliças e práticas de atividades físicas é inexistente. O que na verdade se evidencia é uma prevalência de jovens que estão cada vez mais, apelando para o uso de substâncias, como os anabolizantes, no caso dos homens, e no caso das mulheres jovens, a ocorrência frequente de problemas de bulimia nervosa e anorexia, que são duas psicopatologias cuja causa se origina no meio social. A estética corporal padronizada é o fator mais importante para o reconhecimento social, pois este dá uma identidade.

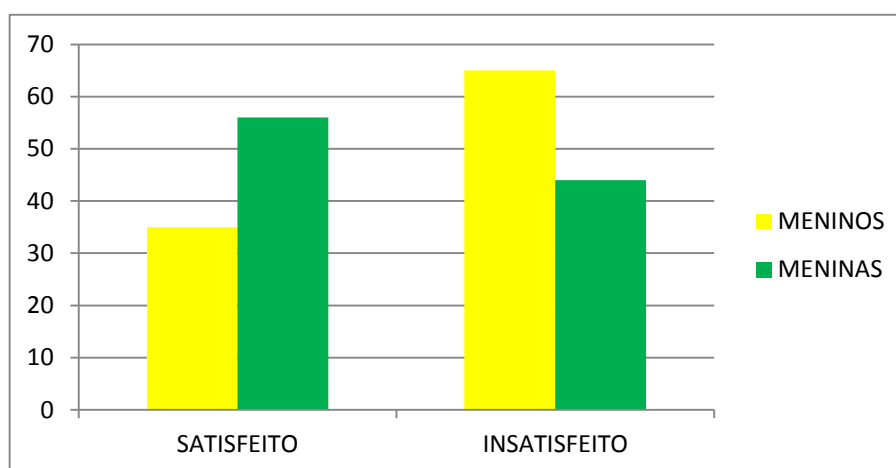
Há uma espécie de culto exagerado ao corpo e à estética: triplicaram as cirurgias plásticas no país, observa-se aumento dos frequentadores de academias e nunca se vendeu tantos cosméticos e produtos para emagrecer, apesar da crise econômica. É imperativo ser bonito, musculoso, magro e saudável – o grande consumo da imagem (CONTI ET AL, 2006; SÃO PAULO, 2006).

Esses dados sugerem um percentual relativo quanto à forma como os jovens lidam com a sua imagem corporal. Se formos considerar as estatísticas, no caso das jovens, segundo São Paulo (2006), a anorexia ocorre em 0,5 a 1% das adolescentes com idade entre 14 e 17, e a bulimia, em 1 a 3% das

adolescentes e adultas jovens. A pesquisa ainda sugere um comportamento de risco, pois 6% das entrevistadas referiram ter apelado, em algum momento, para a utilização de uma dieta forçada com o objetivo de chegar a um modelo de corpo almejado. Também foi verificado que 44% não estão satisfeitas com o seu corpo, e 50% referiram ter vontade de algum dia corrigir algum defeito estético do corpo por meio de métodos cirúrgicos. A pessoa que tem anorexia apresenta-se extremamente magra, mas tem plena convicção de que está com excesso de peso. No caso da bulimia, come-se compulsivamente e em seguida procura-se eliminar o que se ingeriu por meio da provocação do vômito. Esse hábito pode trazer sérios problemas, como corrosão do esmalte dentário, irregularidades menstruais, distúrbios hidroeletrolíticos graves, e em casos raros, porém fatais, ruptura do esôfago, ruptura gástrica e arritmias cardíacas. A bulimia é mais fácil de esconder do que a anorexia, pois o indivíduo que apresenta bulimia tem o peso normal e não é emagrecido, mas pode futuramente desenvolver anorexia nervosa.

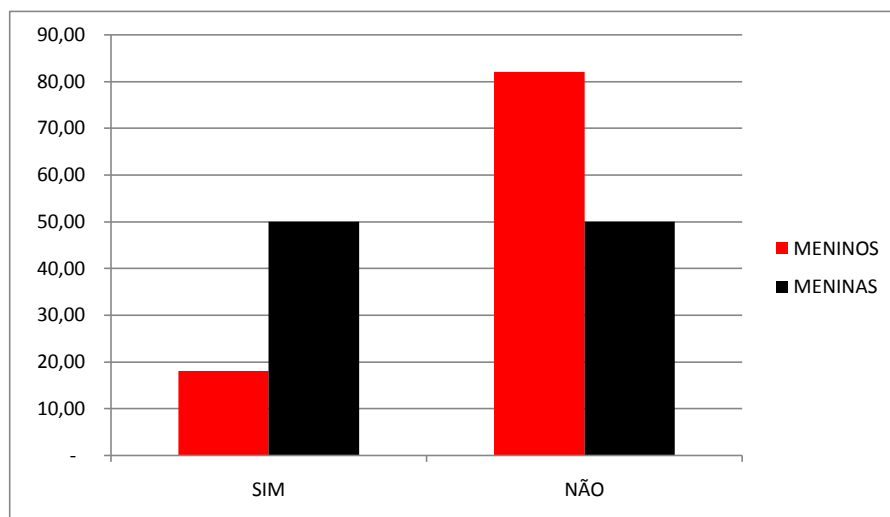
Em relação aos jovens pesquisados, temos alguns dados sugestivos que também indicam comportamentos de risco quanto à distorção da imagem corporal que os eles têm, em que 65% deste não estão satisfeitos com o seu corpo, como indica o Gráfico 3. Além disso, 50% das jovens sentem vontade de corrigir algum defeito de seu corpo.

Gráfico 3 – Distribuição (%) de adolescentes quanto à satisfação com o corpo



Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

Gráfico 4 – Distribuição (%) quanto à vontade de algum dia fazer cirurgia para corrigir um defeito no corpo



Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

Um estudo realizado nos Estados Unidos, por exemplo, em 62 escolas, com 4.722 estudantes de ensino médio, mostrou que 2,5 % dos estudantes relataram ter usado esteroides anabolizantes nos últimos 30 dias, com maior incidência no sexo masculino e idade de início de consumo entre 15 e 18 anos, destacando a melhora da aparência como principal motivo para o uso dessas substâncias (SÃO PAULO, 2006).

No Brasil, um estudo parecido, realizado em uma academia de Porto Alegre, indicou que 24,3% dos frequentadores usavam esteroides anabolizantes. Em 34% dos casos eram utilizadas por vontade própria; 34% por indicação de colegas; 19% por indicação de amigos; 9% por professores; e em 4% por indicação médica. As principais motivações ao consumo dessas substâncias foram a aquisição de força (42,2%), a aquisição de beleza (27,3%) e a melhora no desempenho (18,2%) (SILVA et al, 2002).

Segundo São Paulo (2006), as principais causas para o uso dessas substâncias e para a prática da anorexia e bulimia é a insatisfação com a aparência física e a baixa autoestima. A pressão social, o culto ao corpo perfeito, que a nossa sociedade tanto valoriza, a falsa aparência saudável e a

perspectiva de se tornar símbolo sexual constituem motivos para o uso/abuso destas drogas ou práticas.

É importante que o corpo seja desmistificado nas escolas, tendo profissionais como psicólogos, assistentes sociais, enfermeiros e pedagogos oferecendo uma educação pedagógica de forma integral e identificando situações de risco. O diálogo em grupos de discussão pode ser útil para uma melhor integração entre os adolescentes, evitando possíveis problemas futuros de ordem emocional, social e psicológica, comprometendo a saúde física, fazendo da escola um espaço que se treine e se construa a cidadania de cada indivíduo sem qualquer distinção de natureza. A diversidade deve ser abordada como o principal enfoque e deve ser valorizada (BRASIL, 2009; BRASIL 2006).

A Tabela 3 traz elementos fundamentais para se analisar a influência da mídia na construção da identidade desses adolescentes. Os meios de informações aos quais os adolescentes têm mais acesso (como indica a tabela) são a televisão, com 47% de indicação e a internet, 53%. As programações mais assistidas são esportes, com 48%, novelas, com 21,%, e jornais, com apenas 6%. Com isso, a indústria do entretenimento cumpre seu papel no mundo contemporâneo, transmitindo valores para os adolescentes, influenciando na construção de sua identidade.

Quando perguntado sobre a categoria de músicas, 49% optaram pelo tecnobrega, pelo forró e pelo funk, e apenas 3% escolheram o pop rock nacional e a MPB. Foi também investigada a preferência por categoria de filmes, em que 54% preferem filmes de comédia; 25%, romance; 9%, drama; e 0% épicos. Essa preferência foi confirmada ao se citar nome de filmes, quando 30% apontaram que, dentre os citados, assistiriam ao *American Pie*, filme que difunde valores sobre sexo na adolescência, e 48,5% citaram que assistiriam *Lua nova* (crepúsculo), filme que veicula valores relacionados ao romantismo e sentimentalismo exacerbado, lembrando muito a segunda escola do Romantismo, que tinha como característica o “mal do século”, a melancolia e o sofrimento pela busca do amor perfeito. Filmes que apresentam valores pautados na cultura e na história, como o filme *O Gladiador*, teve apenas 9%; e *Sete Vidas*, apenas 6%.

São estilos e categorias diferentes, porém existe uma polarização entre essas duas categorias, tanto em relação aos estilos musicais, quanto à preferência por categorias de filmes. A primeira remete ao que mais se vem veiculando pelos meios de comunicação em massa em nossa região. O *funk*, o *tecnobrega* e o *forró* são estilos que têm como público as massas. Já os estilos do pop rock nacional e da MPB são pouco comentados.

A cultura de massas veicula um determinado produto para que este seja propagado em grande escala sem se preocupar com sua qualidade. Isso ocorre com a música, que também tem um papel pedagógico. A cultura fica restrita às elites, que têm acesso ilimitado a ela, porém às massas sobram os mecanismos de cultura de resistência, em que elas mesmas criam sua própria cultura. O problema é que a indústria cultural se utiliza dessa cultura de resistência para hegemonizar valores, e, ao mesmo tempo, vender um produto em larga escala, aumentando os mecanismos de alienação social (SODRÉ, 1971). Além disso, há uma divulgação e difusão de vários estilos de filmes que ajudam a construir identidades culturais que o mundo capitalista torna cada vez mais heterogêneo. por meio da indústria do entretenimento e do consumismo, formando opiniões que dificultam a reflexão crítica das ideias relacionadas à realidade social (SODRÉ, 1971).

Ainda, enfatizando a questão da identidade, Hall (2003) faz uma análise crítica sobre a crise da pós-modernidade na contemporaneidade que desagrega também a identidade cultural, em que o sujeito aparece deslocado, descentrado, ou seja, com uma crise de identidade. Essa crise é explicada pelo próprio descolamento das sociedades modernas, onde o sujeito cada vez mais se desvincula de sua identidade de tradições específicas, de sua própria história e das estruturas de crenças e valores históricos, por meio da própria globalização que media a vida social por meio do mercado global, que opera, homogeneizando estilos, imagens, lugares, pelos sistemas de comunicações globais, tendo como produto a desagregação das identidades culturais de classe, de raça, de gênero, de etnia e de nacionalidade.

Eagleton (2000) faz uma análise histórica sobre as várias ideias e conceitos de cultura, em que o produto dessa análise é a discussão sobre a concepção desagregadora e fragmentadora que desconstrói as identidades culturais de classe, em que os interesses políticos governam os interesses culturais, tornando-os parte do conflito político, em que a cultura está diretamente ligada à modernidade, ficando à mercê dos interesses econômicos, sem homogeneizar ou unificar a sociedade. Esse autor indica, ainda, ser necessário que haja uma cultura comum mais inclusiva, não construída pela ideologia dominante das elites, mas pelas massas, de forma popular, em que a maioria domine por meio da participação ativa. Porém o que ocorre é que a cultura de massas é implantada por meio de projetos políticos em que há reduzida participação. Todos esses valores só poderão ser transformados por meio da articulação de interesses de grupos sociais pautados na visão crítica das

realidades e que não se restrinjam aos valores de apenas uma classe, segmento ou grupo social, evitando assim a reprodução de valores do consumismo.

Nesse sentido, é importante enfatizar a proposta apresentada por Freire (1988), na qual se indica que a organização só poderá ocorrer por meio de um processo de libertação do saber, sendo implementada por uma cultura educacional que organize e mobilize as classes sociais mais oprimidas, tendo como eixo fundamental a transformação da sociedade por meio de uma cultura comum mais inclusiva para o povo.

Tabela 3 – Frequência relativa e absoluta sobre as variáveis sobre a relação dos adolescentes com os meios de comunicação de massa

Variável	Descrição	FA	FR
Meio de informação mais usado	Televisão	16	47%
	Internet	17	53%
	Rádio	0	0%
	Revista ou jornal	0	0%
Programações da TV assistidas	Esporte	16	48%
	Jornal	2	6%
	Novelas	7	21,5%
	Reality shows	5	15,5%
	outros	3	9,5%
Preferência por categorias de músicas	Brega, forró, funk,	16	49%
	Pagode, axé, sertanejo	4	13%
	Black, rock internacional,	5	16%

	Emocore		
	Pop rock nacional e MPB	1	3%
	outros	6	19%
Preferência de filme	Comédia	18	54,4%
	Romance	8	25%
	Ação	3	9%
	Épico	0	0%
	Drama	3	9%
	outros	2	6%
Qual opção de filme mais lhe agrada	American Pie	10	30%
	Lua nova (crepúsculo)	16	48,5%
	Wolverine	2	6%
	Gladiador	3	9%
	Sete vidas	2	6%
	Outros	0	0%

Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

CONCLUSÃO

Os meios de informações são uma das grandes conquistas da humanidade, porém essas informações trazem interesses do capitalismo na produção e no consumo de ideias e de bens, além de enfatizar essa pretensa necessidade de consumo. Nesse sentido, percebe-se um forte apelo para que haja o lucro elevado, afora isso o que prevalece é o interesse de se vender o produto e/ou serviço e ideias em larga escala, tal como indicado por diversos pensadores (MARX, 2001; BARBOSA et al, 2005). As emissoras de televisão garantem os seus lucros por meio dos altos índices de audiência e dos comerciais de propagandas. Com isso, podemos inferir que os programas e as propagandas

publicitárias são bem influentes na vida desses jovens, em que há uma relação no processo de construção da identidade e na manifestação da sexualidade, do corpo e nas relações de gênero.

Em relação ao corpo, verificou-se que a “boa aparência física” leva à aceitação pelo grupo, à admiração de todos e às novas oportunidades. Uma perseguição a estes itens faz com que o jovem se envolva em situações de risco, como a anorexia, a bulimia e o uso indevido e abusivo de esteroides anabolizantes e suplementos hipercalóricos, sem acompanhamento profissional.

Evidenciou-se, neste estudo, que os modos como os jovens lidam com a aparência de seus corpos levam-nos à insatisfação. A iniciação sexual precoce ocorre principalmente com jovens do sexo masculino. Neste grupo pesquisado, percebeu-se que existem fatores que contribuem para uma vulnerabilidade quanto aos riscos possíveis de a uma gravidez indesejada e de doenças sexualmente transmissíveis, devido existirem fatores de risco. Identificou-se, ainda, uma desagregação na identidade cultural desses adolescentes, uma vez que os meios de comunicação interferem na construção dessa identidade, mediante as ideias difusas construídas socialmente como os modelos de felicidades e a padronização do corpo.

Em termos de vivência de sua sexualidade e independentemente do tipo de informação que seja transmitida aos jovens, é importante que suas dúvidas sejam tiradas para que passem a ter um olhar mais crítico da realidade. Assim, ideologicamente, a mídia não terá tanta influência sobre eles, uma vez que passarão a ter conhecimento sobre as maneiras de prevenir uma gravidez indesejada ou uma DST, por exemplo. Desse modo, é importante que pais e educadores também se sensibilizem e tomem consciência de que a vivência da sexualidade é uma realidade contemporânea recorrente entre jovens de diferentes realidades sociais. A sexualidade já se “desalçou” há tempos, e é explícita a carga de símbolos que é transmitida diariamente sobre o sexo em várias oportunidades, como nos meios de comunicação.

É evidente que a mídia tem um papel importante na sociedade como meio de informação, de conhecimento e de cultura, porém o que se percebe é uma inversão de valores em um país subdesenvolvido, em que a educação ainda está engatinhando para chegar a um modelo ideal, mas ao mesmo tempo preza-se por um crescimento econômico, ou seja, conhecemos a chave para construir um futuro, mas não aplicamos da forma como deveria ser, ou seja, não se está estimulando os jovens a terem senso crítico da realidade social e serem agentes modificadores. Essa tarefa acaba ficando para somente para a escola, quando, na verdade, os pais, a sociedade e a mídia, em particular, deveriam

também ajudar na formação sociocultural desses jovens. Cabe avaliar se as condições sociais permitem oportunidades justas e iguais a todos e se a relação família-sociedade está ajudando positivamente na formação deste jovem na prática da cidadania.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Saúde. **Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde**. Departamento de ações programáticas estratégicas, área técnica de saúde do adolescente e do jovem. Brasília: MS, 2010.

_____. **Estatuto da criança e do adolescente**: Lei n. 8069, de 13 de julho de 1990, lei n. 241, de 12 de outubro de 1991. Câmara dos deputados, coordenação de publicações, Série fontes de referências. Legislação; n. 36. 3ª Ed. Brasília, 2001.

_____. **Gênero e diversidade na Escola: formação de Professoras/ES em Gênero, Orientação Sexual e Relações étnico-Raciais**. Livro de conteúdo. Versão 2009. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.

_____. **Saúde e prevenção nas escolas: guia para a formação de profissionais de saúde e de educação**. Secretaria de Vigilância em Saúde, Brasília, 2006.

BARBOSA, M. G. Algumas considerações acerca da indústria cultural: suas potencialidades politizadoras e reprodutoras. **Revista Urutúgua**, n. 5, Maringá: CESIN/MT/DCS/UEM, dez/jan/fev/mar, 2005.

CARDOSO, J. S. L.; FIGUEIREDO, F. H.; LIMA, C. S.; MENEZES, C. D.; PEREIRA, J. L. **Relações familiares entre pais e filhos adolescentes**: “e você, conversa com seus pais?” Anais de Saúde I Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, UFPB. João Pessoa/PB, 2002.

CONTI, M.A; TORAL, N; PEREZ, S.V. **A Mídia e o Corpo**: o que o jovem tem a dizer? Estudo baseado na tese de doutorado da primeira autora intitulada: “A imagem corporal de adolescentes: validação e reprodutibilidade de instrumentos”, pelo Departamento de Epidemiologia da FSP/USP. São Paulo, 2006.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. Trad. Sofia Rodrigues. Lisboa, 2000. pp. 11-47.

FREIRE, P. **A pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Organização e Tradução de Robert Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Trad. Adelaine La Guardia Resende et al. SOVIK, Liv (Org.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

FRANÇA, I. S. X.; BAPTISTA, R. S. A construção cultural da Sexualidade brasileira: Implicações para a Enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**. mar/abr, 60(2), 202-6, Brasília, 2007.

LUIZ, FREDERICO. **Pnad**: Renda média do paraense pouco foi modificada. Disponível: <http://frederico2010.blogspot.com/2010/09/pnad-renda-media-do-paraense-pouco-foi.html>. Acesso: 30/11/2010.

MAIA, F.R; DA SILVA, C.P; S.P MARQUES, M.T; FERREIRA, K.C.V. A Influência da Mídia na Sexualidade do Adolescente. **Revista Mackenzie de educação Física e Esporte**. V. 5 (especial). São Paulo, 2006. pp. 109-117.

MARX, KARL. **O capital: Crítica da Economia Política. Livro primeiro**: o Processo de Produção do Capital. Trad. Reginaldo Sant'anna. Rio de Janeiro: Ed. Civilização brasileira, 2001.

OLIVEIRA, V. R. **Desmitificando a pesquisa científica**. Belém: EDUFPA, 2008.

PIRES, M.F.C. O materialismo histórico-dialético e a educação. **Interface** – comunicação, saúde e educação v.1, n.1. São Paulo, 1997.

ROCHA E; CLAUDIA P. **Juventude e Consumo**: um estudo sobre a comunicação na cultura contemporânea. Rio de Janeiro: Ed Mauad X, 2009.

SARLO, B. **Cenas da vida pós-moderna**: intelectuais, arte e videocultura na Argentina. Trad. Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

SILVA P. R. P; DANIELSKI, R.; CZEPIELEWSKI, M.A. Esteroides anabolizantes no esporte. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**. Porto Alegre, 2002.

SODRÉ, M. **A Comunicação do Grotesco**: Um ensaio sobre a cultura de massa no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1971.

SCOTT, W.J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade**. Trad. Guacira Lopes Louro, versão em francês. Revisão de Tomaz Tadeu da Silva, de acordo com o original em inglês. v. 20, Porto Alegre, 1995. pp. 71-99.

SÃO PAULO, SECRETÁRIA MUNICIPAL DE SAÚDE. **Manual de atenção a saúde do adolescente**. Coordenação de desenvolvimento de programas e políticas de saúde. São Paulo: SMS, 2006.

SPARGO T. **Foucault e a Teoria Queer**. Trad. Vladimir Freire. Rio de Janeiro: Pazulin; Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2006. pp 11-12.

¹ Professora e Pesquisadora do Laboratório de Antropologia da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará; Coordenadora do *Projeto Concepção entre corpos*; Vice-coordenadora do Grupo NOSMULHERES; Docente do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais; pesquisadora vinculada ao Grupo de Estudos Eneida de Moraes - GEPEM e ao Grupo de Estudos sobre Populações Indígenas - GEPI.

² Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem pela UFPA; Estudante de Especialização em Saúde Pública/UFPA, vinculado ao Grupo de Pesquisa Cultura, Identidade, Juventude, Representações Sociais e Educação - GEPEJURSE.